

HILDA HILST - 20 ANOS EM MARDUK

Hilda Hilst - 20 years in Marduk

O dossiê que ora apresentamos teve origem no **Seminário Hilda Hilst 90**, realizado, em 2020, em uma parceria entre a USP, a PUC-Rio, a UFT e o IFTO. Estávamos em plena pandemia da Covid-19 e consideramos que o fato de estarmos isolados não deveria ser razão para não homenagear a escritora em torno da qual a pesquisa de grande parte dos integrantes da comissão organizadora do seminário girava. Pelo contrário, reunir leitores, pesquisadores e admiradores de Hilda para comemorar os seus 90 anos não somente parecia uma boa ideia em termos de produção acadêmica como uma oportunidade para reenergizar corpos e mentes que se encontravam, já fazia alguns meses, em estado de confinamento. O evento está disponível na plataforma do Youtube e até meados de março deste ano conta com mais de 3 mil horas de visualizações e quase 12 mil views¹. Vale lembrar que o elo que ligou o grupo foi a professora e pesquisadora Eliane Robert Moraes, da USP, referência incontornável para qualquer hilstiano, e que, de alguma forma, havia tocado o caminho de pesquisa de cada um ali. A participação de Rosana Kohl Bines, professora da PUC-Rio, foi igualmente decisiva para a consolidação do grupo, atuando também como organizadora do evento.

Ainda que já fosse conhecida a capacidade de mobilização da autora - vide a multidão que levou às ruas de Paraty em 2018, portando, além de livros, camisetas e ecobags com a frase “leia Hilda” - nos impressionou o extenso público das palestras e dos minicursos: a média de pico de audiência dos espectadores foi de aproximadamente 280 usuários ao vivo nas sessões. É verdade que o formato remoto - descontando o prejuízo do virtual diante do presencial - tem a vantagem de ser plenamente acessível de vários cantos do Brasil, o que mostrou que o alcance da obra se estendia para muito além do eixo Rio-São Paulo e atingia todas as regiões, resultado também de um trabalho de distribuição e divulgação que Hilda só foi conhecer, de maneira ainda rarefeita, poucos anos antes da sua morte.

Assim, nos dias 27 a 29 de outubro de 2020, a programação do seminário contou com apresentações audiovisuais que homenagearam a autora, sessões com mesas temáticas compostas por especialistas e dois minicursos. Os professores Luciano Gonçalves (IFTO) e Eder Ahmad Charaf Eddine (UFTO), que integraram a equipe organizadora, deram o suporte técnico necessário para hospedar essa intensa produção audiovisual no

¹ As apresentações artísticas, as mesas com especialistas e os minicursos do Seminário Hilda Hilst 90 podem ser acessados em:

https://www.youtube.com/playlist?list=PL04whhGbAyAaQpzc_OMvv-uvi_Jk-4kC8.

canal do projeto internacional SILCE - Seminário Interdisciplinar Linguagens, Culturas e Educação.

O dossiê, publicado quatro anos depois desse evento, amplia a discussão daqueles dias e coincide com os vinte anos de morte da autora, quando completaria 94 anos. O conteúdo da publicação é, dessa forma, construído em dois tempos: com textos de alguns dos participantes do seminário, que buscaram desenvolver sua leitura da obra; e com textos de pesquisadores que têm se destacado nos estudos hilstianos, produzindo novos diálogos, confirmando que, em se tratando de Hilda Hilst, são inesgotáveis as possibilidades de abordagem e perspectiva.

A morte tem uma feição especial para aqueles que se dedicam às artes e à literatura – morre-se em vida porém a obra permanece, e não é raro que a consagração venha postumamente, num descompasso entre produção e recepção que apenas a análise de diversos fatores explica. Para Hilda, a morte – “Velhíssima-Pequenina”, como ela a chama em *Da morte. Odes mínimas* (1980) – ganha contornos ainda mais expressivos. Forte presença, a morte era interlocutora, personagem, promessa de contato, e nunca, jamais, o fim: “Nunca acreditei que fosse só isso: nascimento, vida, morte e apodrecimento”. Quem é próximo da autora deve estar familiarizado com o termo “Marduk”, planeta hipotético para onde iriam aqueles que se dedicaram em vida ao conhecimento, as figuras ilustres das letras e da ciência, e que Hilda não cansava de citar como sua destinação. É onde certamente estará agora, compartilhando com os seus pares as vibrações da imortalidade. É por isso que este dossiê se chama **Hilda Hilst - 20 anos em Marduk**.

Formada por 3 seções, a publicação **Hilda Hilst - 20 anos em Marduk** disponibiliza aos leitores não apenas textos ditos acadêmicos, mas uma variedade textual que contempla depoimentos, entrevistas e um ensaio fotográfico. Na primeira parte, sob o título “**Estudos hilstianos - novos diálogos**”, encontram-se dez artigos assinados por pesquisadores da autora, cujos resumos são apresentados na sequência.

No texto “**Potlatch ou dádiva: as faces da narrativa hilstiana**”, Andréa Jamilly Rodrigues Leitão aborda o processo de criação nos livros de prosa da década de 1980 de Hilda Hilst a partir de duas perspectivas diferentes: a noção de dispêndio ou fracasso diante da impossibilidade de dizer, bem como de dádiva no sentido de transpor para o plano verbal o insondável.

Em “**Lacraia e Unicórnica - A Hilda das cartas de Mora e Caio**”, Aline Leal analisa dois grupos de correspondência: entre Hilda e Caio Fernando Abreu e entre Hilda e José Mora Fuentes, observando como as diferentes amizades se manifestam nas cartas. No fim, argumenta sobre a necessidade de uma publicação da correspondência completa da escritora, para que se possa compreender o uso que a autora fazia deste espaço de escrita.

Em **“A biblioteca como iniciação: intertextualidade em *Com os meus olhos de cão*, de Hilda Hilst”**, Suelen Trevisan analisa a intertextualidade desta novela com Franz Kafka, Fiódor Dostoiévski e Robert Musil. A partir de uma pesquisa na biblioteca da Casa do Sol, demonstra a inseparabilidade entre leitura e escrita na obra da autora.

No artigo **“Algumas leituras dos diários de Hilda Hilst”**, Ana Júlia Valezi examina os diários da escritora, que se encontram salvaguardados no CEDAE/Unicamp, sob três dimensões temáticas. Tais escritos são encarados pela pesquisadora como um espaço biográfico, a saber, um espaço discursivo de construção de subjetividade, no qual o autor se inscreve na escrita.

Em **“Os muitos rostos da Casa do Sol: um olhar sobre a morada de Hilda Hilst”**, Anne Louise Dias analisa as fotografias de escritores fixadas nas paredes da Casa do Sol. Muito mais do que adornos, a autora defende que essas imagens são como habitantes do espaço profundamente literário, intertextual, projetado, construído e habitado por Hilda Hilst, no seu intenso desejo de estar junto dessas figuras.

Em **“Vida imperfeita: heranças literárias de Apolônio e Hilda Hilst”**, Marcos Visnadi aprofunda-se na relação entre Hilda e o seu pai Apolônio, tomando como base a crônica “Herança”, escrita pelo jornalista Víctor de Azevedo em 1949.

No texto **“Hilda Hilst com a faca na garganta do Patriarca: Uma análise criativa”**, Marina Costin interpreta, sob um viés analítico, “A Morte do Patriarca”, a última das oito peças compostas por Hilda. Como uma marca própria da sua dramaturgia, há uma forte crítica dirigida às normas e costumes da época.

Em **“Negações, anseios, dúvidas e frustrações: um estudo sobre os narradores-personagens do livro *Fluxo-floema*, de Hilda Hilst”**, Beatriz Zanon e Maria Nascimento de Sá se detêm na leitura crítica das narrativas que compõem a obra publicada em 1970, com base em um aspecto comum: a frustração dos narradores-personagens no que diz respeito ao ato de narrar.

No artigo **“Com quantas vozes se faz uma pessoa? O narrador antropófago de *Cartas de um sedutor*”**, Vania Gumiero estabelece um paralelo entre os narradores de Hilda e a teoria antropofágica desenvolvida por Eduardo Viveiros de Castro. Levando em consideração o comportamento de Stamatiús, o narrador do livro publicado em 1991, a fragmentação da instância narrativa implica a desagregação da identidade dos sujeitos.

Em **“Entre pornô-chic e o pornô-trash: *Cartas de um sedutor*, de Hilda Hilst”**, Gonzalo Aguilar se propõe a ler este livro de Hilst em um duplo movimento: para trás, em direção à tradição dos textos malditos à qual supostamente pertence; para frente, em direção ao seu futuro, em uma situação nova que seus textos ajudam a construir ou enfrentar, que dizem respeito à ruptura feminina e ao que ele chama de transgressão da transgressão.

Na segunda seção, **“Entrevista”**, acolhem-se duas interlocuções inéditas. Uma foi concedida às editoras do dossiê pelos professores

Eliane Robert Moraes e Alcir Pécora. Intitulada **“Hilda Hilst sob o signo da genialidade e da insubmissão”**, os entrevistados, em um bate-papo ao mesmo tempo sério e descontraído, revelam tanto aspectos pessoais da relação com a escritora quanto debatem a riqueza da obra hilstiana e as contribuições que o estudo da autora trouxeram para a carreira acadêmica de ambos. A outra entrevista foi dada pela atriz e arte-educadora Iara Jamra, a Aline Novais de Almeida e Luciano Gonçalves, sob o título **“Iara Jamra, corpo e voz de Hilda Hilst, Lori Lamby e tipos populares: a trajetória de uma artista desdobrável”**. Com uma sinceridade aguda, a entrevistada reflete sobre sua trajetória profissional, que percorre o teatro, a TV, o cinema e chega, inclusive, aos streamings, com personagens populares, mas também ousadas, como é o caso da menina Lori Lamby de Hilst.

A terceira e última seção denominada **“Contatos com HH”** reúne quatro textos, de diferentes naturezas, que têm como eixo central a ligação pessoal de seus autores, seja com o texto hilstiano, seja com a figura da escritora. As súmulas desses textos são apresentadas na sequência.

Em **“Silêncio - a suspensão do tempo no estar com Hilda”**, Ana Kfoury escreve sobre o seu encontro com Hilda Hilst, que inclui um réveillon passado na Casa do Sol, e o impacto que a autora teve em sua trajetória pessoal e profissional, oferecendo relatos sobre a transposição dos textos hilstianos para a cena.

Em **“Hilda e o unicórnio”**, o cineasta Eduardo Nunes relaciona o seu interesse particular na escritora Hilda Hilst, que remonta desde os tempos de colégio, à sua forma de compreender as práticas audiovisuais. Graças a essa relação com a literatura hilstiana, Nunes idealiza e produz o filme *Unicórnio* (2017), uma “adaptação” imagética de duas narrativas da autora “O unicórnio” e “Matamoros”. O longa não faz uma simples transposição do literário para o cinema, mas uma produção de novíssimas imagens a partir da experiência do cineasta como leitor.

“Hilda Hilst pede contato - cenas de filme” é uma seleção de imagens do longa-metragem de Gabriela Greeb para este dossiê. A seleção é parte integrante do livro *Hilda Hilst pede contato* (2018), título homônimo do filme dirigido por Greeb. As imagens enfatizam uma das facetas da escritora: seu contato com o mundo dos mortos por meio da captação de sons gravados das experiências de “transcomunicação instrumental” realizadas na Casa do Sol.

“A Hilda é o resultado contínuo de uma série de coisas inusitadas” é o depoimento de Gutemberg Medeiros, grande amigo de Hilda Hilst falecido recentemente (1964-2023), publicado no livro *Hilda Hilst pede contato* e cedido gentilmente para esta edição. O jornalista e professor conta algumas histórias da amiga, nas quais *coisas inusitadas*, segundo uma expressão empregada por ele, dão o tom do relato.

Por último, cabe agradecer a toda a equipe editorial da *Revista Sapiência*, ao diagramador Ary Henrique Coelho Vianna, ao designer da capa Daniel Tumati, à cineasta Gabriela Greeb por ter cedido gentilmente a fotografia da capa que originalmente é do seu filme *Hilda Hilst pede*

contato (2018), ao editor-chefe professor doutor Valdir Specian, ao professor doutor Samuel Carlos Melo pelo apoio no decorrer do processo de construção deste dossiê e, especialmente, aos autores e entrevistados que enriqueceram a homenagem a Hilda Hilst.

As editoras

Aline Leal Fernandes Barbosa;

Aline Novais de Almeida;

Andréa Jamilly Rodrigues Leitão.

(Abril, 2024)